

RENASCENÇA

b

FOLHA LITTERARIA

ASSIGNATURAS

PROVINCIAS

Por tres mezes. . . 2\$000
Por seis . . . 3\$500

PUBLICA-SE DUAS VEZES POR MEZ

REDACTORES

Santos Junior, Avellar Andrade, Athanasio de Almeida e
Teixeira Duarte.

ASSIGNATURAS

CORTE

Por tres mezes. . . 1\$500
Por seis . . . 2\$500

REDACÇÃO — RUA DE S. CLEMENTE 138

ANNO I

RIO DE JANEIRO, 15 DE SETEMBRO DE 1878

NUM. 3

EXPEDIENTE

Aos nossos assignantes rogamos o especial favor de remetter-nos a importância de suas assignaturas pelo correio.

Os originaes enviados a redacção não serão devolvidos.

RENASCENÇA

Rio, 15 de Setembro de 1878.

A humanidade avança e orgulhosa quer tocar a uma meta invisivel; ambiciosa e esquecendo o seu nada, a sua pequenez, quer chegar ao infinito.

Tem razão.

Deus deu-lhe a razão.

E era preciso que, criando Deus o homem, lhe desse essa poderosa arma, essa bussola que o guiasse no caminho do seu dever, essa divisa que o differenciasse do resto da criação.

A humanidade avança!...

Avançará sempre!

Os seculos na sua veloz carreira correm-n'a e passam, vão e não voltão mais. E ella, soffrendo todas as modifi-

cações que-lhe tem sido feitas, e continuando sua marcha progressiva, crea o que muitas vezes o tempo destruo!

Sempre lutando com o mundo desde o principio ella tem sido vencedora.

A todas as revoluções que se têm operado, a todos os passos que se têm dado na senda do progresso, ella tem assistido.

A ella deve-se tudo, pois ella é tudo.

Seus actos são regidos pela razão, que, tendo o principal papel em seuer, aponta-lhe o Creador: eis o teu norte, diz-lhe.

E ella obedecendo a uma lei divina marcha para approximar-se do Creador. Lucta, remove o mundo, cria seres impossiveis, imagina grandes e infinitas, ideas e tudo quanto a mesquinha intelligencia humana pode conceber para chegar até Deus, Deus que se diz ser o Infinito!

Impossivel!

A Deus não se chega!

Sempre activa, ella tenta e a razão, escrutinio severo de seus actos, diz-lhe que basta approximar-se.

Deus está além da comprehensão humana.

Mysterio!

Nas faces lia-se-lhe o soffrer moral, infindo, sem remedio.

Senti uma commoção violenta ao vê-lo. Tinha-o conhecido bello, com uma saude robusta, sua fronte sempre activa, aonde parecia refulgir uma grande intelligencia e agora encontrava-o extremamente magro, as faces pallidas e encovadas, acoburnhadas, sem luz nos olhos como o moribundo sem esperança.

Tive dó e compaixão d'elle.

Disse-me ter abandonado os estudos e passeiava para espirar as lembranças de episodios tristes que já o haviam prostrado n'um leito onde esperava a morte, resignado e ao mesmo tempo satisfeito, porque estava aborrecido da existencia e só na eternidade poderia encontrar allivio aos seus males. Eu escutei-o taciturno e commovido.

Augusto pediu-me para visitá-lo a miudo.

Augusto tinha 19 annos, quando o conheci. Fomos companheiros internos do collegio e ahi travei com elle relações da mais intima amizade, d'essa amizade sem interesse, leal, verdadeira que se adquire no verdor dos annos.

Do collegio sahimos ao mesmo tempo; elle para se matricular n'uma academia e eu para continuar os estudos n'uma provincia do Norte.

Passaram-se então dois annos sem o ver. Ha dias casualmente encontramos-nos. Augusto estava pallido e cadaverico.

NOTICIARIO

O Sr. Ernesto V. da Silva Machado, nosso prestimoso amigo, de hoje em diante fará parte da Redacção do *Renascença*. Muito nos alegramos com a acquisição de um tão esperançoso talento.

O Club Escholastico Litterario, sociedade dos estudantes do Collegio de S. João Baptista, a que pertencemos, reunir-se em sessão em 4 de Setembro para a nomeação da directoria, ficando esta assim composta:

Presidente, Avellar Andrade.

Vice-presidente, B. Teixeira.

1º Secretario, Santos Junior.

2º Secretario, Vieira da Silva.

Thesoureiro, Theophilo de Oliveira.

1º Orador, T. Duarte.

2º Orador, A. Neves.

Procurador, A. Americo.

Bibliothecario, J. Matta.

Commissão de syndicancia, Alfredo Augusto, Sebastião Dias e E. Machado.

Jornaes—Recebemos o *Diario de Campos*, o *Piracicabano*, *Actualidade*, *Baependy*, *Museu Litterario* e o *Mosaico*. Agradecemos.

Assim o fiz e n'um dessas occasiões pude ouvir-lhe a narração de sua vida.

« Orphão na idade de tres annos nunca meu peito pode sentir o calor virtuoso de uma mãe, não tive os affagos de um pae, não tive uma irmã que unisse a sua face à minha, que me enchugasse as lagrimas quando ellas resvalassem-me pelas faces. Passei minha infancia entre estranhos que não comprehendião a falta de uma mãe para me darem, em vez de indifferentismo, carinhos e affagos e parte de minha mocidade, como sabes, no viver monotono de um collegio.

Quando d'elle sahi, fui para S. Paulo, cursar a academia de direito.

Alli estive quatro mezes, arrastando uma vida insipida, sem gozo algum. Não tinha relações e vivia sosinho, debruçado sobre os livros entre as quatro paredes de um quarto.

Alguns dos nossos assignantes têm nos feito reclamações que até hoje não terem recebido os numeros antecedentes. Só ao correio poderemos attribuir esta falta que nos é bastante prejudicial a qual levamos ao conhecimento do Illm. Sr. Director Geral dos Correios e esperamos ser attendidos.

LITTERATURA

O HOMEM POR SI SE FAZ

O homem por si se faz. E' esta uma verdade incontestavel, uma asserção irrefragavel.

O homem foi posto no mundo sem o conhecimento do mal; innocente, em sua cabeça reflectia a sabedoria divina, porém, todo elle era livre.

Desde o fatal momento em que transigindo a lei do Senhor, colheu o pomo prohibido colheu tambem a razão, o conhecimento do bem e do mal e a *perfectibilidade*, e por isso Deus o deixou livre em todos os seus actos e pensamentos, afim de se guiar no caminho da verdade.

— O homem nasce e com elle o seu destino, — dizem os fatalistas.

— O homem nasce livre e é livre em todo o seu viver — dizem os verdadeiros sabios. Será porventura admittida a doutrina dos fatalistas?

Não contem ella em si um erro tão visivel?

Deus, o justo por excellencia, poderá conceder a innocentes recém-nascidos, a suprema felicidade, a outros o infortunio e a desgraça?

Um dia vi uma mulher, formosa como as mais bellas virgens de Raphael.

Apaixonei-me por ella e confessei-lhe o meu amor.....

Margarida correspondera-me e eu passava uma existencia... lentamente-me de esperanças que julgava vêr em breve realisadas.

O meu amor pôr Margarida era uma loucura. Só n'ella pensava e possuil-a era a minha unica ambição...

Decorreram seis mezes. Tive de vir á corte aonde me chamavam para tomar posse dos bens que meus paes me haviam deixado.

Infelizmente fui obrigado a demorar-me. Excuso dizer te, quanto não soffri ao lembrar-me d'ella, que ha tanto tempo não via, quantas noites d'insomnia não perdi a futurar castellos para a minha felicidade, felicidade que ella deveria partilhar,

Illusões !...

De volta soube que Margarida tinha-se casado...

Era um raio que me vinha despedaçar a existencia.

Não. Deixaria de ser justo desde que agisse de tal modo, o que é um impossivel.

O homem, dizem os fatalistas, é como o planeta, que necessariamente ha de descrever a orbita que lhe fora traçada pelo destino; nesse caso sendo o homem incapaz de lutar com o seu fado, que culpa terá se commetter um crime, por mais atroz e revoltante que seja?

Nenhuma, porque elles mesmos asseverão que as leis do destino são inalienaveis.

Não é isto uma doutrina contraria a todos os principios de moral e bom senso?

A fatalidade não existe.

O poder a que dão o nome de fatalidade, é o descuido que o homem tem de si mesmo, deixando-se expontaneamente levar pelos degrãos do vicio e da maldade, até se despenhar nos insondaveis abysmos do crime e da malvadez. O homem tem obrigação imposta pela lei da natureza de soffrer suas paixões, e se assim o não fizer sua perda será certa.

Se o homem commette um assassinato, um roubo, um crime qualquer, é porque não soube ou antes não quíz reprimir em seu coração os primeiros impetos de sentimentos máos, e desta sorte entregou-se expontaneamente ao dominio das paixões, que se multiplicão e o vão arrastando para o abysmo se um arrependimento vivo e sincero não o detem e faz recuar.

O homem nasce feliz e venturoso, e essa felicidade o acompanha até que seja bandida por elle mesmo.

Passa o homem da infancia a puericia sem ter consciencia do seu viver; vem

Pensei em Werther e hesitava porque o suicidio é uma fraqueza e eu devia resistir ao golpe profundo que ella me vibrava, devia despresal-a; envergouha-a com o meu indifferentismo.

Retirei-me d'aquelles lugares e fugi d'ella. Buqueava na minha dignidade porque... amava-a muito.

Tornei-me um perdido. Procurei o vicio e engalhei-me n'elle, como o fragil batel que sossobra no oceano.

Ainda na mocidade gangrenava em o coração; ao contacto do vicio, matei os sentimentos nobres que n'elle desabrochavam; embriaguei-me no torvelinho dos prazeres e estraguei o coração na impureza das paixões.

Entretanto em momentos lucidos que me deixava o desvario da vida, sentia caminhar para um abysmo fatal; a lembrança da mulher que eu amava e que me desprezava, era como que um impulso a proseguir na vida devassa que havia tomado.

E entranhei-me mais no regim vergognoso da orgia, nas noites em delirio dos bordeis, ao som dos cantos melsalinos, ao bater confuso das taças espuman-

depois a adolescencia, e nessa epocha feliz da vida é que o futuro se offerece a nossa imaginação com risenhas e desumbrantes cores. E' uma manhã de primavera com seus sorrisos e raios de esperanças, que velão as tristezas e amargores dos dias ainda afastados do rude e sombrio inverno. Nessa epocha feliz da vida humana é que se deve desarraigar do coração todo o máo sentimento, emquanto suas raizes não se tecem e corroboram com o decorrer dos annos e o habito da maldade.

Nas artes, nas letras, na sciencia e na posição social tambem o homem por si se faz.

O Pantheon da immortalidade está cheio, e quem o encheo? Foi a fatalidade?

Nascerão já esses genios para ser immortalizados?

Não trabalhassem elles, não se esforcassem tanto quanto se esforçaram e terião visto o poder do fado. A historia nos apresenta innumerables exemplos de homens, que nascidos no mais obscuro recanto da plebe, a poder de esforços, fadigas e insano pensar, erguem-se quaes gigantes perante os seculos que os admirão

Não nos é preciso volver as paginas da historia para encontrarmos genios que por si, só por si, se immortalisaram; basta olharmos para o Norte do Novo Mundo e ali havemos de ver um Benjamin Franklin.

Quem foi Franklin?

A principio um simples e pobre typographo em Inglaterra e mais tarde então em sua patria a custa de seus proprios

tes. Esqueci dos meus deveres de homem e calquei a minha dignidade; aos vinte e um annos meu coração estava mhyrriado.

Secava-se ao sopró dos vendavaes do vicio, no abysmo do qual me havia lançado o despreso de uma mulher.

Lembrava-me ás vezes da minha mãe e chorava... recordava-me uma irmã innocente a beijar-me e a suster-me na queda quando me aproximei da voragem do mal.

E em vez das preces da mãe carinhosa, em vez dos soluços da irmã innocente, que nunca tivera, mas com que sonhava, ouvia resoar bem perto a voz dos perdidos e das canções das mulheres sem alma.

E o desvario, a embriaguez e a devassidão que procurei, para esquecer-me de Margarida, mataram-me o corpo.

Hoje estou mais perto do tumulo, mas tenho no peito a regeneração.

As descrenças fugiram-me e o resto de consciencia, que ainda pude salvar das noites infernaes, mostrou-me radiante a luz da salvação.

Rio, 2 de Setembro de 1878.

esforços e insaciável ambição, um dos escriptores, dos legisladores e dos sábios de que mais se orgulha a America.

Como Franklin, se immortalisaram esses genios de que tanto nos falta a historia.

Alfredo Neves.

O LIVRO

O livro tem um magico poder; inflama-nos o coração, deslumbra-nos o espirito, incita-nos a imaginação, impressiona-nos, e influencia soberanamente em nosso caracter.

Altera-o, modifica-o, ora melhorando-o e exaltando-o, ora rebaixando-o e pervertendo-o.

Um bom livro é um thesouro precioso, nestimavel.

Um mau livro um inimigo perigoso.

Devemos, portanto, nós os homens, e sobretudo o bello sexo, este sexo adoravel cujas qualidades caracteristicas são a sympathia, a affeição e a delicadeza, este sexo em cujo caracter predomina a sensibilidade e em cujas deliberações imperam os impulsos do coração, devemos, diziam os nós, acorcar-nos d'aquelle e repellir este.

Correm ahí pelo mundo muitos livros bellos na forma, brilhantes no estylo firmados por nomes verdadeiramente illustres e celebres, por nomes que hão de viver eternamente na memoria dos povos, mas repletos de theorias subversivas.

São semelhantes aos vistosos fructos do lago Asphaltite.

São productos de imaginações exaltadas, do cerebro escandidos, offuscados, pelos clarões coruscantes da gloria, de sonhadores utopistas, que a força de espiritalizar a materia e de materi dizar o espirito, acabam por cahir em extremos oppostos: em um mysticismo romantico inconcebivel, ou em um realismo cego e revoltante.

Estes extremos são sempre prejudiciaes e funestos.

D'ahi o exagero e as monstruosidades d'essas duas escolas que se deglutiam a romantica e a realista.

Entre estes livros — verdadeiros fructos do Asphaltite — os que desenvolvem a these da regeneração da mulher pelo amor, tem sido fataes a humanidade.

Eles tem lançado ao caminho lamacentos do vicio — monstro horripilante que atrahie e devora — muita alma candida, porém fraca e impressionavel.

Eles tem feito derramar muita lagrima, lagrima de dor, de desespero e de vergonha e muito sangue.

Eles tem aberto a uns as ferreas portas do carcere, a outros as povorosas portas da eternidade e a uns e outros as negras portas da deshonra e da infamia!

A nodosa que mancha a honra é indelevel.

O amor, ainda o mais nobre, o mais desinteressado, o mais sublime, não consegue apagá-la.

O amor pôde erguer a mulher o lodo das sentenças do vicio, onde ella se arrastava e fazel-a trilhar a senda da honestidade, nós o concordamos.

Mas este crysol purifica de todos os erros e das infâmias do passado?

Não; atenua-os apenas

O passado é um morto vivo.

E' um grande espelho que temos sempre diante dos olhos,

Elle está ahí sempre presente a consciencia, como um phantasma aterrorador, a recordar-nos os desvarios e as infâmias.

O passado é implacavel!

Não é uma utopia a influencia que o livro exerce no caracter do individuo e até mesmo no das nações.

Ao contrario é uma verdade palpavel, inconcussa.

Entrai no lar, presentai-lhe a vida intima e vereis a influencia benéfica plantada pelos bons livros e os estragos causados pelos maos.

Abri a historia este grande livro da humanidade.

Compulsai-a.

Foi o livro que matou a cavallaria na Hespanha; foi o livro que preparou e fez a revolução franceza esse grande cataclysmo social, que derrocou o throno dos netos de S. Luiz e de Henrique IV; foi o livro que reconduziu ao throno a familia de Napoleão o Grande.

O livro é o verdadeiro soberano do Universo.

O seu poder é indisputavel, é eterno.

O.

PARTE SCIENTIFICA

RABELAIS

Rabelais nasceu em 1483, a uma legua de Chinon, na Touraine «priz ameno, sereno, aprazivel» em uma quinta de seu pae, hoteleiro rico, estabelecido mesmo em Chinon, sob a firma de Lampron.

Sua educação começou no convento dos beneditinos de Smillé, onde em um certo dom Barnard, encontrou o prototypo de João des Entommeures.

D'ahi, passou ao mosteiro de la Basmoille, perto de Angers; depois a universidade da mesma cidade. Finalmente entrou como novico para o convento de Fontenay-le-Comte, em Poitou, edificio da ordem de S. Francisco, onde recebeu o sacerdotio em 1511.

Na idade de 40 annos, estudou medicina na faculdade de Montpellier. Os livros, a observação, a natureza já o tinham iniciado. Em 1532, formado em medicina, mas não doutor, nós o encontramos em Lyão onde esperava Etienne Dolet. Ahí na typographia de Grapheus, trabalhou em algumas d'essas maravilhosas edições do seculo XVI, particularmente nas de Hypocrates e Galiano.

Morreu cura de Nedou, não em seu curato, mas em Paris, a 9 de Abril de 1553, em uma casa da rua dos Jardins, bairro de S. Antonio.

Segundo uns, morreu sceptico, segundo outros, athen.

Sua obra intitulada: A vida de Gargantua e de Pantagruel, divide-se em duas partes principaes: Livro 1º: a vida desregada do grande Gargantua, pae de Pantagruel, outr'ora composta por Alcofribas Nasier, abstractor de quinta essen-

cia. — Livro 2º: Pantagruel, rei dos dipsodos, feito ao natural, com factos e proesas admiraveis, pelo fallecido Alcofribas Nasier, abstractor de quinta essencia. — Mais outros tres livros; ao todo cinco. Tal é a extensão d'esta agradável epopeia.

Chimico sobrehumano, Rabelais trabalhava no laboratorio do infinito.

Elle é o medico universal.

Esta universidade é não só de fundamento como de forma. E' o pensamento do livro.

Sciencia universal, benevolencia universal, humanidade, tolerancia, respeito ao pensamento e sangue humanos, consolação, esperança, alegria, fazer rir aos que choram, sanar o corpo e a alma; amar as creanças que são a promessa; ajudar aos anciãos que são a lembrança; edificar sobre a tradição o templo da amizade, do trabalho, e da paz; compor os fundamentos de toda a sciencia do passado, e assentá-los em sua alma fecunda e veneravel, tal é a obra de Rabelais.

Elle vai mais longe que a Reforma e toca a Revolução.

Cauta como Luthero e ri como Voltaire.

Comprehende, como os convencionaes, que a escola é uma fabrica de almas. Igual aos grandes legisladores elle quer tornar tudo pela base, reformatar a humanidade pela educação.

Tal é em sua simplicidade luminosa e graça abundante, o pensador, o moralista, o genio civilizador, o pae da educação religiosa e livre, o propheta.

Um escriptor disse que a mulher é a consciencia do homem. E eu acrescento que é o pudor. Rabelais precisa pudor, mas possui os dois grandes caracteres dos homens de genio: originalidade e universalidade.

Pelo seu estro brilhante e liberdade de espirito, elle é o ante-passado de Molière, de la Fontaine, de Lesage, de Voltaire, de La Courcier e de Beranger, hebreiro dos trovistas, compatriota de Francisco de Villon. Por seu amor pela infancia e seu profundo instincto das leis da educação, desce de Socrates, de Plátão, de Xenephonta, de Plutarco e outros; annuncia Rollin Socke, Condorcet e Sakana! A ironia socratica une-se, n'ella, ao riso de Pantagruel; sua abbadia de Thelèmes participa ao mesmo tempo dos jardins d'Academi e das escolas creadas pela Convenção nacional.

«Entrae! funda-se aqui a fé profunda».

Catholicos, protestantes, israelitas, filhos do concilio de Trento, confessores da Dieta de Augsburgo, filhos de Moysés e David, se os dogmas separaram nossos paes, que as idéas nos reúnem e nos reconciliem! esqueçamos nossas controvérsias e nossas coeiras! Em nome de vossos santos e de vossos heroes, eu vos conjuro! Se vossas synagogas, vossos

templos e igrejas foram lugar de discórdia e arsenais de guerra, se a casa de vosso Deus foi a origem de odio, que a escola seja a da amizade!

Amemo-nos sobre estes bancos de páu eude reina a igualdade. Teremos muito tempo para nos odiar.

Sejamos irmãos na escola para que o sejamos na vida e na morte!

T. DUARTE.

POESIA

MORRER!

As nuvens cambiantes que no espaço,
Ligeiras se adelgaçam resvalando,
A folhagem que oscilla docemente,
Ao roçar da aragem, murmurando,

O rochedo sombrio, ná, medonho,
Cujo altaneiro pico os ares fende,
A branca vela do barqueiro, ao longe,
O mar irado que a meus pés se estende:

A cascata que muge, a lua clara,
Que pratêa campinas e florestas,
A flôr, o pipilôr dos passarinhos,
A luz, a escuridão, risos e festas:

O sol poente a desmaiar nos montes,
A sombra do meu corpo—spectro mudo—
A relva, o musgo, o palmeiral altivo,
Tudo que toco e vejo, tudo, tudo;

Parece-me dizer: —«Curva a cabeça!
A grinalda de flôres redolentes,
Que embebe tua fronte, bem depressa,
Sem viço rolará pelas torrentes!»

Morrer! morrer! morrer! Eu sou tão moço!
E sinto tanta seiva no meu peito...
Tanto amor, tanta vida, tanta crença...
Tanta esperança no porvir,—imensa...
Morrer! não quero do sepulchro o leito.

Morrer! quando se tem tanto mundo
De venturas sem fim, que amor ressumbrão
Quando crente se tem fôcos os olhos
N'um futuro rosado e sem escolhos,
Nos louros e na gloria que deslumbra!

E depois ver-se tudo n'um momento
Envolver-se nas trevas! —A ventura
Transformar-se—da irmã no pranto ardente...
Gloria e louros—em goivo atroz, silente...
E o futuro—no chão da sepultura!

Ai! guarda a prenda da alliança eterna...
—Teu beijo ardente ou frio causa medo—
Offerta-a a outrem de viver cansado...
Despe as brancas roupagens do noivado...
O' noiva de além-mundo, é muito cedo!...

Eu quero ainda o clarear da lua,
Ao ciciar da brisa, entre mil flôres,
Nos fios dos cabellos ondulantes
Do ideal que sonhei—febricitantes
Os labios estalar beijos de amores.

Quero sentar-me inda uma vez, ao menos,
—Poente e fatigado caminhão—
A' doce sombra do meu lar, contente;
E lá no fundo do sertão ardente
As cantigas ouvir do boiadeiro.

Ai! guarda a prenda da alliança eterna...
—Teu beijo ardente ou frio causa medo—
Offerta-a a outrem de viver cansado...
Despe as brancas roupagens do noivado...
O' noiva de além-mundo, é muito cedo!

Eu fôco triste o sol, fôco o horizonte:
O sol me offusca a vista e no infinito
Confunde-se o horizonte n'um abraço...
Mas eu quero mais luz e mais espaço!
Quero ar, quero vida: ouve o meu grito.
Rio, 18/8.

ESCAVAÇÕES REALISTAS

III

A C...

E' verdade que amei-te, amei-te muito
Fui um louco, bem sei, em te adorar
Mas q'importa o passado?... Tu fugiste
E no ermo me deixaste a suspirar.

Qual o meu crime, ingrata? Não te dava,
Meu porvir, minhas crenças, minha vida,
Se ha muito não tivessees ungião a benção
Da desgraça esta fronte escandecida.

Que desejavas? Fôcoi-te a voz da alma,
Da consciencia a voz sincera e pura,
Fugiste não me ouvir. E o nosso amor
Pr'a mim tornou-se o caliz de amargura.

Não peço agora em magoas absorto
Ao peio teu vislumbres de paixão.
O passado é já morto. A' sepultura
Vá tal loucura em funebre canção.

Rio, 3 de setembro, 78.

R. M. Santos Junior.

PARODIA

So para amar-te for mister cacete
Como bom macete saberei malhar,
Dar cacetada, distribuir pancada,
Tudo eu farei e sem mais pensar.

Quebrar cabeças, conquistar um posto
Com muito gosto saberei fazer,
Se fôr preciso me tornar eícano
Dentro d'un anno poderei e ser.

Nas proprias carnes dar canivetadas
Muito bem dadas saberei eu dar.
Fazer tamancos, fabricar chinellos
E até castellos poderei armar.

Longe da patria, n'um paiz eruento,
Onde nem vento já se vio soprar
Serei feliz e viverei contente
Se embora ausente te puder amar.

Se fôr mister p'ra ser amado o choro
Então estouro pois não sei chorar;
Serei altivo, o meu porte nobre,
Embora pobre, me verás prostrar.

Porque me odeias? por não ir as salias
Dizer-te fallas ou beijar-te a mão?
Pois é mais facil provocar um rolo
Fingir-me tolo, mas lá isso não...

Dá-me o teu odio, mas em grão subido...
Olha eu sentido o saberei soffrer
Dá-me o teu odio já que assim o queres
Ou se preferes o poderás reter.

Dá-me o teu odio mas em grão subido
Que elle invertido, quer dizer amor
Dá-me o teu odio mas em grão subido
Anjo fingido, coração traidor...

Alfredo Paulo de Oliveira.

Se eu não te amasse com intenso amor
Vingado estava por te ver soffrer,
E grandemente exultava altivo
Na hora infeliz do teu padecer.

Mas, triste penso no martyrio teu
E lembro sempre o dia saudoso
Que passamos amor protestando,
Sonhando um porvir todo ditoso!

A culpa é tua que perjura, ingrata
Quebraste o elo d'um sancto amor
Buscando gloria n'um rico amante
Nella encontraste o desprezo, a dôr!...

E' tarde... arrepender não podes
Do erro fatal que commetteste,
Humildemente soffrer tu deveres
O amante intiel que tu escolheste!

Tu não deveres lamentar a sorte
Que livremente procuraste ter,
Na morte indomita, inimiga am'az
Acharás alivio p'ra o teu soffrer!...

Vieira da Silva.

Rio, 1878.

M...

« Forget me not. »

Não t'esqueças de mim quando bem longe
Estiveres scismando nos amores
Oh! lembra-te d'aquellas bellas tardes
E recorda o passado que é de flôres...

Recorda-te daquellas noites puras,
Que a lua visitava magestosa,
Quando, tu desfolhavas com deleite,
Assentada no banco, a linda rosa!

Era bello querida... eu te beijava
Sentindo no meu peito ardente amor;
E, sorrindo, furtava-me os teos labios,
Deixando nelles ver da rosa a cor!...

Oh! lembra-te, querida, dessas flôres,
Das scenas que passamos no jardim
E quando recordares os amores
Te peço que — Não t'esqueças de mim!

Avellar Antrade.

Rio — 1878.